

## RESENHA: O ORADOR DO MESTRE RAIMUNDO IRINEU SERRA: “DIÁLOGOS, MEMÓRIAS E ARTES VERBAIS”

REVIEW: THE SPEAKER OF MASTER RAIMUNDO IRINEU SERRA:  
“DIALOGUES, MEMORIES AND VERBAL ARTS”

MENDONÇA, F.C. e NASCIMENTO, L.M - “O orador do Mestre Raimundo Irineu Serra: “diálogos, memórias e artes verbais” – Rio Branco, Editora Nepan- 2019.

Evandro Luzia Teixeira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Trata-se de resenha com leitura da obra: O orador do Mestre Raimundo Irineu Serra: “diálogos, memórias e artes verbais”, produzida por Fernanda Cougo Mendonça, que dá visibilidade às narrativas do ‘Mestre’ Luiz Mendes, religioso do “Santo Daime”, no Acre. Apresenta a poética das relações, além das vivências e experiências, numa perspectiva sociocultural. Objetiva contribuir na divulgação de um trabalho que diminui distâncias dentro do Brasil. Diversidade e pluralidade, formatadas em leituras de um cotidiano. Metodologicamente, a autora trouxe, à tona, as percepções de vivência religiosa, que, embora divulgada, ainda é silenciada nas subjetividades e na importância sociocultural local e regional.

1936

**Palavras-chave:** Narrativas. Poética das relações. Vivência religiosa. Subjetividades.

**ABSTRACT:** It is a review based on the reading of the work: O orador do Mestre Raimundo Irineu Serra: “diálogos, memórias e artes verbais”, produced by Fernanda Cougo Mendonça, which gives visibility to the narratives of 'Mestre' Luiz Mendes, a “Santo Daime” religious, in Acre. It presents the poetics of relationships, as well as life experiences, in a sociocultural perspective. It aims to contribute to the dissemination of a work that reduces distances within Brazil. Diversity and plurality, formatted in everyday readings. Methodologically, the author brought to light the perceptions of religious experience, which, although publicized, is still silenced in subjectivities and in the local and regional sociocultural importance.

**Keywords:** Narratives. Poetic of relationships. Religious experience. Subjectivities.

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando em Linguagens e Identidades pela Universidade Federal do Acre – UFAC. Pedagogo. Professor na área de linguagens, da Rede Pública de Ensino de Rio Branco, Acre, Brasil. ORCID: 0000000279959008

Trata-se da resenha da obra O ORADOR DO MESTRE RAIMUNDO IRINEU SERRA: “DIÁLOGOS, MEMÓRIAS E ARTES VERBAIS”, produzida por Fernanda Cougo MENDONÇA em coautoria com o narrador Luiz Mendes do NASCIMENTO (2019). O referido trabalho foi desenvolvido a partir da dissertação de Mestrado, defendida por MENDONÇA, no programa de Mestrado Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre, tendo como objeto: as narrativas de Luiz Mendes do Nascimento, o “Mestre Luiz”. Liderança religiosa, representativa e simbólica da doutrina do Daime da região do Estado do Acre. A autora por meio de uma ação investigativa, com leituras e análises dos fazeres cotidianos, evidenciou a vida de líder religioso. Articulou e sistematizou as narrativas orais e amplificou voz do Sr. Luiz, falecido no ano de 2019, homem que se embreou na cultura local, produziu e foi produzido pelos fazeres junto à sua comunidade religiosa no Estado do Acre.

Pelos aspectos metodológicos, a autora/organizadora emprestou a sua capacidade técnica, intelectual, política e, principalmente, sua sensibilidade humana para ouvir e dar visibilidade às vivências e experiências, por meio de uma obra acadêmica. A história oral foi a forma de fazer, uma vez que sua obra humana, de líder religioso, já se encontrava pronta nos olhares da comunidade a qual pertencia, ou seja, seus feitos se encontravam materializados no dia a dia. Porém, não estava sistematizada e organizada com “luxo” poético, sensibilidade humana e orientação teórica, que deu corpo à alma de uma narrativa.

A base teórica seguiu as abordagens de Stuart Hall (2003), Alessandro Portelli (2010) e Raymond Williams (2011) basicamente, além de outros autores. Pelas contribuições de *Hall*, pensador jamaicano, que se aprofunda em estudos culturais, é possível perceber que ela identificou as janelas das análises culturais que se relacionam com o real vivido, a história de cada um; que tem relação com espaço social, cultura e poder. Amplificou as manifestações de respeito e práticas vinculadas à fé e religiosidade do Daime. Fortalecendo a imagem do sagrado nas relações cotidianas de um líder religioso.

As narrativas de trajetórias do orador, Sr. Luiz NASCIMENTO, autor vivo da obra, reverberam na imagem simbólica da união de pessoas que, com ele, construíram uma identidade. Tecnicamente, ocupa duas dimensões na obra: é autor das experiências e o narrador para Mendonça, que se envolveu como pesquisadora, usou os devidos recursos

metodológicos, ‘lincados’ às técnicas da história oral, sem comprometer as interpretações e registros das narrativas sobre ele e a cultura ‘do sagrado’ Daime.

A presença de *Williams* (2011), no processo de análise, se complementou à Stuart Hall, corroborando para os estudos culturais e valorizou os procedimentais de análises adotados sobre o conteúdo das relações sociopolíticas, sugerindo manter uma investigação, haja vista, as referências culturais e um pensador que tem a cultura como resultante e definidora de um modo de vida específico. Essas possibilidades de análise tangenciaram os trabalhos de Mendonça, que aprofundou na observação inquietante, produzindo interpretações e reinterpretções da vida do Sr. Luiz, que foi orador do ‘Mestre Raimundo Irineu Serra’, reconhecidamente a maior autoridade para os devotos e praticantes do Daime. Teoricamente, sugere a leitura do universo multicultural amazônico e as relações locais que o ‘Daime’ tem com a região, ou vice-versa.

As dimensões sociais são perceptíveis, pois cultura e espaço social estão interligados na sua análise. Poeticamente e de forma criativa, ela divide a escrita como se fosse uma obra musical: ‘prelúdio’ – introdutório; ‘tom menor’ – fundamento; ‘tom maior’- desenvolvimento (mais longo) e ‘poslúdio’- encerramento da obra (musical). Esta escolha metafórica se deu em alusão aos hinários da religião, ao mesmo tempo, é um recurso estratégico para efetivação e consagração da imagem cultural e fortalecimento da identidade do ‘sagrado’ presente nas narrativas. A arte de narrar é a forma de preservar o vivido e o experienciado por Mendonça e, especialmente, por Luiz Mendes do Nascimento, como fonte primária de estudos. Ambos são poetas de tempos e lugares diferentes. Que lapidam palavras com seus próprios instrumentos: ele ofereceu a voz falada e ela, a escrita. Afinaram-se para um mesmo arranjo. Ela usa as técnicas e as teorias, eles suas vivências e saberes. Guiados pela sensibilidade. Mendonça e Nascimento (2019) vivem momentos e revivem experiências. Ele apresenta os saberes construídos e ela os sistematiza, com as contribuições dos pensadores e teóricos. Ele fala, ela escuta. Ele faz, ela observa. Ela registra, ele confirma. Ele revive e ela apreende. concretizou a obra nos seguintes tempos:

O *prelúdio*, parte inicial, trouxe a apresentação da história e experiência prévia. de forma convincente, sugeriu a ordem dos registros dos acontecimentos apresentados na narrativa e propôs as novidades no campo dos estudos culturais. Os autores, neste primeiro momento, através da sistematização de Mendonça, desenharam estratégias dentro de

eixos, usando e observando a linguagem e a identidade; a natureza e a cultura; a tradição e o moderno; o popular e o erudito; a memória e a história; a oralidade e a escrita; o sagado e o profano. Encerrando nas tensões, nos conflitos e lutas diárias. Para a percepção da história oral e as orientações metodológicas, ela se ancorou em Portelli (2010).

O *tom menor*, segundo momento, anunciou os itinerários mutáveis da pesquisa, os aprendizados teórico-metodológicos, desvelou a doutrina do Daime, referência essencial para promover e consolidar o contexto das narrativas do Sr. Luiz. Promoveu seus deslocamentos como uma espécie de caminhada. Observa-se que o apreender na construção do corpo da pesquisa, que resultou num arranjo de obra musical. É possível observar que, ao estudar e registrar as narrativas, ela busca no universo do discurso as representações simbólicas que contribuem com o sentido da linguagem, do texto e do contexto social. Destaca-se a presença de Eni Orlandi que sustenta algumas de suas escolhas. Pois a narrativa apresenta sujeitos e ao mesmo tempo, rompe com certo silenciamento, mas não é sobre este tema que o trabalho se propõe a dizer e aprofundar. Mendonça reassenta as posições de Hall e aprofunda suas leituras na cultura popular como uma forma de resistência. Espaço político e social são basilares para concretizar e sedimentar culturas. Os autores dialogam dentro da obra, uma presença viva, de cumplicidade de quem narra e de quem registra. A pesquisadora respeitou a fala e o lugar, mais do que isto, garantiu uma escuta, para reinterpretar, à luz das teorias, aquele que se narra. Ela não tomou para si, a fala de Sr. Luiz. Tampouco, não parece ter recebido cerceamento dos registros feitos.

O *Tom Maior*, terceira parte, onde a voz é literalmente dada ao autor Nascimento (o Mestre). É ele quem dá o ritmo desse momento, ela entra no compasso. Ele é quem conhece, viveu experiências e, por elas, tem a autoridade política e cultural de narrar. Por isso foi o orador que acompanhou as atividades e aprendeu com o líder maior, Mestre Irineu Serra, referência religiosa que criou o 'Daime' na região. Nascimento (Mestre Luiz) deu sequência à luta cotidiana em manter a tradição e a cultura do sagrado, mesmo sabendo que o profano também o habitava. Falou das suas fragilidades, que rendeu à obra outro sentido maior. Na técnica, fortaleceu o valor acadêmico, que Mendonça teceu em informações e que o Sr. Luiz fez em sabedorias cotidianas. Ambos os musicistas que vieram de caminhos distintos, desenvolveram confiança mútuas. Ele compartilha sua sabedoria, fala da vida, das ilusões, das paixões, dos namoros joviais, dos pecados e penitências, das

fragilidades e dos aconselhamentos recebidos pelo Mestre Irineu Serra. Para ele, ‘morrer é tão simples como o nascer’, seguindo os ensinamentos do seu superior.

Mendonça, como ela mesma disse: “afinou o seu diapasão”; entrou em sintonia com cântico narrativo, de onde surgiu o sentido social e a identificação cultural, postas em palavras, narradas a partir de um lugar especial. É perceptível que o resultado da atividade e das lutas do Sr. Luiz tenha sido de fato o ponto essencial para o envolvimento de Mendonça com a temática. Priorizá-lo não foi somente pelo fato de ser conhecedor, mas pela sua representação. Poderia ter buscado confirmações em outras narrativas, mas optou em romper o silenciamento que ocupava as palavras do Sr. Luiz. Mas este não foi o único seu foco. O que para Raymond Williams pode ser o tratamento de determinações concretas, advindas de uma historicidade, o que gera a compreensão da realidade. Nesse caso, a realidade acontece a partir das experiências, mentalmente organizadas pelo orador, que foram reproduzidas e revividas em falas. O que pode também ser caracterizado como um estudo sociológico, com questões de relevância social e cultural da comunidade que representa.

A narrativa, e toda a obra, foi modelada poeticamente por Mendonça que demonstrou, gradativamente o eu envolvimento com os fatos. Ela esteve dentro e fora da obra, mas não deu sinais de desvios éticos, manteve a sua razão teórica. Estava dentro do espaço narrado e, ao mesmo tempo fora, como observadora. Compreendido como estratégia metodológica, que pareceu arriscada, porém válida. Do menor para o maior, soube identificar os tons da voz (um a um) nos seus devidos momentos e posteriormente os registrou, teve a oportunidade de estar próximo do “real” narrado/vivido do Daime, aproveitando para aprofundar os conhecimentos a respeito do mundo cultural e do mundo espiritual, além dos procedimentos considerados xamânicos, da fé e do sagrado que se constituiu na Amazônia acreana como referência religiosa.

Os aspectos da linguagem foram percebidos na narrativa. suas falas, podem ser e são estimuladas e adaptadas conforme o ambiente social. A relação dialógica presente nos pensamentos ‘bakhtinianos’ compõe algumas das suas análises. As circunstâncias do dito, tem relação com o vivido. O dito altera o vivido e o vivido deu substância ao dito. A autora explorou esse pensamento.

No *poslúdio*, fechamento da obra, os autores, narrador e pesquisadora, permitiram que os aspectos da musicalidade e a estrutura organizacional acadêmica, por mais diferentes que fossem, se fizessem unidas. As palavras dela está no papel, com as sensíveis percepções do mundo. O tom menor fez com que ela se compenetrasse e se atentasse para o momento vivido. Ela não só assistiu aos ensaios dos hinários, do universo musical, recurso de sensibilização para o mundo sagrado das pessoas da comunidade, mas ensaiou seus próprios tons da escrita, deu projeção à forma narrada pelo orador. É possível acreditar que o individual subjetivo da pesquisadora se encontrou com a coletividade e com referenciais de cultura e ideologia. O que Bakhtin pode contribuir para melhor entendimento.

*Raymond Williams e Stuart Hall*, trouxeram a complexidade, pois na obra se depara com os fatores culturais e suas descrições por meio de práticas cotidianas do grupo social, refletindo experiências comuns do mundo real, ideias sociais de princípios e a conexão com o transcendental. Percebe-se uma ação democratizada nos eventos e atividades religiosas. Porém resta saber como se dá, no aspecto da liturgia e da hierarquia, se o processo democrático é tão vivo como é a obra.

A autora leva o leitor a se ver e se envolver com o tempo narrado. O convite para conhecer e explorar a cultura da comunidade e do Daime é subjetivado e instigante. O texto promove a ideia de que o uso do Daime é natural e que é uma posição de fé; e a fé é a cultura daquela gente, manifestada nos seus contos e nas suas experiências. Logo, o Daime, nas suas palavras, é cultura, é vida natural e é fé em prática. Deu visibilidade à cultura e identidade religiosa de uma parte da Amazônia acreana, pela voz ao Sr. Luiz e, por ele, ascendeu o lugar social e de toda a comunidade. Encerra-se em uma peça de cânticos sociais, culturais e de fé, oportunizando a leitura de um trabalho humano, poético e acadêmico, que rompe com algumas estruturas técnicas e propõe uma forma poética de escrever texto acadêmico, contribuindo ainda, com rompimento preconceitos socioculturais e religiosos.

## REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. *Dá diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende, et. al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

PORTELLI, Alessandro. Ensaio de história oral. Tradução de Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

WILLIAMS, Raymond. Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell. Tradução de Vera Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 15-21.